

## ***Memórias da Grande Guerra (1914-18) no Arquivo Histórico Militar***

**Texto: João Moreira Tavares\***

A 1ª Guerra Mundial, ou como durante muitos anos foi (e ainda é) denominada: a Grande Guerra, constitui um dos principais acontecimentos do século XX. Naturalmente, quando se evoca o seu primeiro centenário, um pouco por todo o mundo, mas sobretudo na Europa, cresce o interesse em aprofundar o conhecimento sobre este período tão marcante da História mundial. Portugal, um dos países beligerantes, não ficou à margem dessa evocação e também no nosso País decorre já um conjunto de iniciativas com o objetivo de relembrar a participação portuguesa na Grande Guerra, que marcou não só a geração que a viveu, mas também as que se lhe seguiram, pois as marcas da guerra perduraram por muitos e muitos anos em tempo de paz. Os testemunhos desta participação são inúmeros. Da toponímia e monumentos das nossas vilas e cidades às fontes documentais depositadas nos arquivos. Passando pelas artes, nomeadamente a literatura – onde abundam as memórias daquele tempo –, a pintura, o cinema e a fotografia. Não esquecendo, ainda, a memória oral e popular, por vezes efabulada para dar uma outra dimensão à realidade vivida.

O Arquivo Histórico Militar (AHM), fiel depositário da documentação histórica do Exército Português, é um guardião privilegiado dessas memórias, pela riqueza, diversidade e grandeza do seu acervo. Nele podem ser exploradas múltiplas temáticas e seguidos numerosos caminhos nos diferentes fundos documentais que o compõem. Para o estudo da guerra em África é incontornável a consulta da 2ª Divisão e suas 2ª, 7ª e 10ª Secções, constituídas com documentação, respectivamente, referente a Angola, Moçambique e ao Ultramar. Nelas se destacam os relatórios das operações militares; as relações de mortos das Unidades; a correspondência trocada relativa à violação de fronteiras ou sobre assuntos de carácter logístico; os inquéritos e autos de averiguações sobre a conduta das tropas.

No campo da imagem, os Fundos Especiais 10, 110 e CAVE retratam, nos milhares de fotografias neles depositadas, os homens, figuras ilustres ou simples soldados, as operações militares e os horrores da guerra, mas também a sátira e o pitoresco existentes na propaganda.

O grupo de Fundos Particulares contém três fundos de ilustres combatentes em França. Dos generais Tamagnini e Gomes da Costa, respectivamente, comandantes do Corpo

Expedicionário Português (CEP) e da sua 2ª Divisão à data da batalha de La Lys e do capitão David Magno, oficial de Infantaria 13, que se distinguiu neste combate e por isso foi condecorado com a cruz de guerra.

Há, ainda, outros fundos, como a Mapoteca, a 1ª e a 17ª Secções, ambas pertencentes à 3ª Divisão, com interesse para o estudo da Grande Guerra. O primeiro possui muita e diversa cartografia referente aos Teatros de Operações africano e europeu. Na 1ª Secção encontram-se os estudos e projectos relativos à preparação da defesa do País contra uma agressão externa. A 17ª Secção tem documentação (relações e processos individuais) sobre uma outra faceta da guerra menos conhecida: os prisioneiros alemães e austríacos, na sua grande maioria civis, detidos em vários campos de internamento criados especificamente para o efeito em Portugal<sup>1</sup>.

É, contudo, o fundo do CEP, que se encontra na 1ª Divisão/35ª Secção, aquele que encerra em si o maior e mais importante núcleo de documentação sobre a Grande Guerra. Obviamente pela sua dimensão, dado que é o maior de todos os fundos do AHM, mas também pela grande profusão e diversidade de registos que o integram. Composto por 2408 unidades de instalação (maioritariamente caixas), das quais 88 comportam os cerca de 74 000 boletins individuais dos militares (oficiais, sargentos e praças) do CEP, nele podem ser encontrados, entre outra tipologia documental, monografias, mapas da força, quadros orgânicos, relações de baixas e ordens de serviço de Unidades; ordens de batalha do Corpo; relatórios; circulares e inúmera correspondência trocada entre diferentes entidades, nacionais e estrangeiras.

Ao contrário do que a sua designação faz crer, este fundo não se limita, porém, a conter a documentação relativa ao CEP, desde que ele foi enviado para França em 1917 até ao seu retorno no pós-guerra. A preparação das tropas em Tancos, a oposição à sua partida para a frente, a defesa do continente e ilhas adjacentes, o serviço de informações interaliado, as relações com a Inglaterra e a França, os mutilados e o museu português da Grande Guerra são também algumas das temáticas que podem ser encontradas e exploradas neste fundo.

Para que se possa compreender melhor a riqueza e diversidade dos documentos do fundo do CEP, destacam-se, a título meramente exemplificativo, aqueles que nos parecem dignos de maior realce, pelo seu valor histórico ou simplesmente pelo seu carácter singular. Entre os mais conhecidos e de longe os mais pedidos para consulta e reprodução, contam-se os

---

<sup>1</sup> Também na 2ª Divisão/7ª Secção se encontram listas, relatórios, processos individuais, plantas dos campos e fotografias de prisioneiros alemães e austríacos.

boletins individuais dos militares do CEP, também designados por fichas do CEP. Obedecendo a um formato padronizado, normalmente manuscritos, fornecem-nos dados biográficos sobre os militares a que dizem respeito (nome, estado civil, filiação, naturalidade, parente vivo mais próximo e sua residência) e um breve resumo da sua passagem pelo CEP desde o seu embarque para França até ao seu regresso ou morte. A sua crescente procura levou o AHM a iniciar a sua descrição, digitalização e disponibilização *online*, na aplicação do AHM denominada *Digitalarq*, disponível no sítio do Exército Português<sup>2</sup>. Presentemente a sua pesquisa e leitura *online* são já possíveis, ainda que forma limitada, mas progressivamente será alargada a um cada vez maior número de boletins, à medida que a sua digitalização, em curso, for avançando. Trabalho que, para além de contribuir para a preservação destes documentos, evitando a sua degradação por manuseamento e reprodução excessivos possibilita também uma rápida, fácil e eficaz recuperação da informação no momento da consulta, bem como a sua leitura descentralizada, sem haver necessidade de recorrer ao suporte em papel e de efectuar uma deslocação física ao AHM.

O denominado *Livro dos Mortos por Concelho* é outro dos documentos mais consultados e reproduzidos do Fundo do CEP, para dar resposta às diversas solicitações de particulares e, sobretudo, de municípios que procuram saber quais os militares naturais de uma determinada localidade que faleceram em França. Através dele é possível conhecer um pouco melhor as origens destes militares (filiação, naturalidade, residência e data de nascimento), as Unidades territorial e do CEP a que pertenciam e a data da sua morte.

Relativamente ao desenrolar das operações militares, encontramos no Fundo do CEP extensos e detalhados relatórios, onde, para além da descrição meramente factual, são tecidas considerações e se identificam erros e deficiências. Veja-se, por exemplo, o relatório do general Gomes da Costa escrito após a batalha de La Lys, onde destaca as faltas de material, pessoal e organização, o desânimo reinante entre as tropas e a sua impreparação; não deixando, porém, de elogiar a bravura com que a 2ª Divisão se bateu no campo de batalha.

As muitas narrativas, sob a forma de monografias, das Unidades do CEP, nomeadamente dos batalhões de infantaria, constituem preciosas fontes de informação sobre a actividade desenvolvida por aquelas Unidades, mas também, por vezes, nos podem dar a conhecer

---

<sup>2</sup> O seu endereço é <http://arqhist.exercito.pt/>.

pequenos episódios relativos aos seus militares, que, a par da visão institucional, nos transmitem uma visão mais pessoal e humana dos acontecimentos e ilustram o quotidiano das tropas em campanha.

No pós-guerra, o apuramento das baixas sofridas e doutros elementos com interesse para o estudo da participação nacional no conflito levou à compilação de muitas e diversas relações que podem ser encontradas, por exemplo, num livro elaborado, em 1934, pela Repartição de Estatística e Estado Civil do CEP, especificamente destinado a esse registo. Por ele ficamos a saber, para além de dados de natureza puramente estatística como o número de mobilizados, mortos, feridos, incapazes, desaparecidos e prisioneiros ou a duração média da permanência das Unidades na linha da frente; o nome dos navios que transportaram tropas do CEP para Brest e as respectivas datas de chegada; bem como a identificação dos campos de prisioneiros ou dos cemitérios onde foram internados ou sepultados militares portugueses.

Por fim, pela singularidade do seu conteúdo e por nos dar uma visão da guerra do ponto de vista dos seus mais humildes protagonistas, num formato diferente do documento oficial, uma referência à diversa correspondência particular apreendida pela censura postal militar. Por ela se ficam a conhecer as desventuras dos soldados por terras de França; o seu grande desagrado pela impossibilidade de gozar as licenças a que tinham direito; as suas maquinações para fugir à guerra recorrendo a falsos pretextos, mas também os seus namoros com as *mademoiselles* francesas.

Agora que se evoca o primeiro centenário da Grande Guerra, estas memórias começam a ser muito procuradas, essencialmente com um objectivo evocativo, de estudo e em busca de informações sobre um familiar do qual, na maior parte dos casos, se sabe apenas que esteve na guerra em França, mas nada mais se conhece sobre o seu passado enquanto militar do CEP. Decorridos 100 anos há, ainda, muitas temáticas por explorar e novos trabalhos por realizar. Cabe aos investigadores o resgate destas memórias guardadas no AHM. Cumpre ao AHM garantir a sua preservação, disponibilização e divulgação para que sirvam no presente, mas também continuem no futuro a perpetuar o esforço militar português na Grande Guerra.

---

\* Técnico Superior do Arquivo Histórico Militar. Licenciado em História e Mestre em História do Século XX pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH/UNL) e investigador do Instituto de História Contemporânea (IHC) da FCSH/UNL.